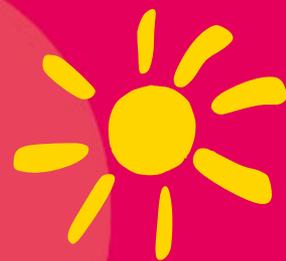


SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR

INSPIRAÇÕES PARA
EXPERIÊNCIAS FELIZES

GUIA 2019



Aliança pela
Infância



A Aliança pela Infância agradece aos membros de seu conselho e à rede de núcleos, que apoiaram com entusiasmo a realização deste Guia. Agradecimentos especiais também a todos os articulistas desta edição.

Secretaria Executiva da Aliança: **Letícia Zero**

Edição e Redação: **Gabriela Moulin e Rodrigo Bueno**

Projeto gráfico: **Rogério Testa**

Contato: **smb@aliancapelainfancia.org.br**

O BRINCAR QUE ABRAÇA A DIFERENÇA

Em 2019, essa grande mobilização pelo brincar livre que é a Semana Mundial do Brincar celebra 10 anos. E, para isso, nada melhor do que reunir nosso repertório de aprendizados ao longo da última década em um tema múltiplo e desafiador para o nosso momento e para a infância.

Depois de propor encantar espaço e o tempo com o brincar em 2016 e 2017, e brincar de corpo e alma em 2018, a Aliança pela Infância apresenta na SMB 2019 um tema que dá luz a uma questão relevante para o mundo contemporâneo e envolve características e sentidos do que é humano: a diversidade.

O brincar é um território de convivência das diferenças. Na brincadeira as crianças tomam contato com outros saberes e outras imaginações que as inspiram e enriquecem sua experiência com infinitas possibilidades de socialização. Brincando juntas elas podem experimentar o que do outro está em si mesma e, assim, desenvolver a empatia. É por meio dessa interação que se fortalecem o olhar afetivo e a capacidade de coexistir, que nos preparam a conviver de forma pacífica com o diferente e com o semelhante, sem negar que os conflitos existem. O brincar livre é para todos, é democrático, revela toda riqueza que existe na simplicidade.

E é no brincar livre, no brincar coletivo, que se dá a maravilha da convivência com a diferença. A criança somente entretida com meios eletrônicos tem uma vivência solitária e, assim, menos empática com o mundo, com o outro. Na brincadeira mediada apenas pela tecnologia falta a riqueza do contato humano, falta a vivência com os sentidos, o que resulta em uma experiência sensorial limitada.

Em um tempo em que as palavras se esgotam, se esvaziam ou perdem sua força criativa, é importante também dizer qual é a nossa compreensão sobre diversidade que nos leva a querer abraçar as diferenças. Vamos encantar novamente essa palavra e deixar que ela compartilhe seu sentido com o brincar: diversidade é aquilo que

revela a diferença como algo inerente ao humano e ao processo de construção de humanidade em cada um.

Entendemos que a diferença encanta o mundo e, por isso, o brincar. Constatamos que a diversidade está na natureza que a diversidade está na natureza; é necessária para a sobrevivência do planeta, das relações e dos afetos.

Crianças com deficiência, crianças de culturas e crenças distintas, infâncias diversas que povoam nosso país e nosso mundo e que precisam ser olhadas em suas singularidades e também no que têm em comum.

Assim, vemos a SMB 2019 como uma oportunidade afetiva e inventiva para crianças e adultos exercitarem no brincar a convivência, o diálogo, a tolerância, tão necessários para que o mundo não perca a riqueza da pluralidade.

No convívio com a criança, vemos também uma oportunidade para incentivar os adultos a observarem e a experimentarem novas possibilidades de organização, de expressão e de criação; novas formas de ocupar os espaços; novas formas de se movimentar; novas formas de brincar.

Vamos todos ampliar nossos repertórios de inspirações e experiências. E, nessa onda brincante, vamos nos encantar pela diferença!



O QUE É A SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR?

A Semana Mundial do Brincar (SMB) é uma grande mobilização para sensibilizar a sociedade sobre a importância do brincar e a essência da infância.

Promovida pela Aliança pela Infância no Brasil em parceria com dezenas de outras organizações, seu objetivo geral é mostrar que o brincar livre é fundamental para a construção de uma infância digna.

Sua realização se dá por meio de brincadeiras, palestras, debates e mobilizações, que têm sensibilizado também a agenda política, já que muitas prefeituras a tornaram parte do calendário municipal. **Todas as atividades da Semana devem ser gratuitas** e cada participante atua da forma que estiver ao seu alcance.

HISTÓRICO

O Dia Mundial do Brincar foi criado em 1999, por iniciativa da Associação Internacional de Brinquedotecas, e é celebrado em 28 de maio com a participação de crianças de idades e culturas diferentes.

No Brasil, a Aliança pela Infância começou a difundir essa ideia há quase dez anos, e a data acabou tomando conta de uma semana inteira, de forma autônoma, por atores sociais diversos.

Nos últimos anos, centenas de prefeituras se engajaram e, só na última edição, cerca de 200 mil pessoas foram mobilizadas para o brincar. E a cada ano engajam-se mais e mais pessoas de todas as idades, bem como instituições que desejam promover o brincar na infância como forma de celebrar sua importância no desenvolvimento de todo ser humano.

DE QUE BRINCAR ESTAMOS FALANDO?

- De um **brincar livre**, com fim em si mesmo;
- De um brincar que inclui **elementos não estruturados**;
- De um brincar mais **próximo da natureza**;
- De um brincar que respeita a **cultura da infância**.

Saiba mais sobre o que é o brincar livre e o que são elementos não estruturados em aliancapelainfancia.org.br/smb

E POR QUE BRINCAR É TÃO IMPORTANTE?

- O brincar promove o **desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança**;
- O brincar é **instrumento de expressão** da criança;
- O brincar é **fonte de aprendizado** e troca de saberes;
- O brincar é uma forma de **expressão cultural**;
- O brincar cria **vínculos sociais e de comunicação**;
- O brincar é **fonte de prazer**.

O QUE É PRECISO PARA UMA SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR?

- Realização e participação gratuitas para todos;
- Ações que permitam a união de pessoas de idades e culturas diferentes;
- Brincar livre e tratado como um fim em si mesmo;
- Brincar sob todas as formas:
 - ✓ brincadeiras e momentos com brinquedos diferenciados;
 - ✓ jogos de tabuleiro e jogos ao ar livre;
 - ✓ brincadeiras tradicionais;
 - ✓ reflexões sobre o brincar em iniciativas como exposições, palestras e ações em redes sociais.
- E, sobretudo, que o brincar tome conta de espaços públicos e privados, instituições, escolas, ruas e famílias.

INSPIRAÇÕES PARA QUEM QUER PARTICIPAR

- 1) Defina a atividade que você ou sua instituição pode realizar. São inúmeras as opções: parcerias institucionais, brincadeiras livres, mobilizações reais e virtuais, palestras, debates, produção de material de sensibilização, divulgação dos eventos, cursos de formação e atuação com o poder público e com a sociedade sobre a importância do brincar.
- 2) Articule essas ações com o núcleo local da Aliança pela Infância – caso haja um no município (informe-se no site da Aliança).
- 3) Se possível, convide profissionais ligados ao tema do brincar, que possam enriquecer as atividades propostas. Em vários locais do Brasil existem pesquisadores e formadores do brincar e da ludicidade.
- 4) Identifique parceiros potenciais para execução das ações, consolidando o apoio de monitores, segurança e equipe de saúde para a realização dos eventos, caso tenha expectativa de um grande público.
- 5) Defina local(is), data(s) e horário(s) da atividade e, também, a equipe que estará envolvida na sua execução.
- 6) Informe a Aliança sobre a programação que pretende desenvolver e registre em pequeno texto, foto ou vídeo as atividades realizadas, para que a Aliança possa consolidar um relatório e divulgar cada vez mais a Semana Mundial do Brincar.

Graças à participação social e à incidência política da rede da Aliança, a Semana passou a fazer parte do calendário oficial de muitos municípios brasileiros. Saiba mais em aliancapelainfancia.org.br/smb

GUIA DA SEMANA - INSPIRAÇÕES PARA EXPERIÊNCIAS FELIZES

Desde 2016, a Aliança pela Infância publica um guia com reflexões e proposições para serem trabalhadas na Semana Mundial do Brincar. Em nosso site e nas redes sociais também repercutimos o tema, como uma maneira de compartilhar conhecimento e inspirar ações e construções no campo do brincar.

Em 2019, com o tema “**O brincar que abraça a diferença**”, a Aliança propõe seis grandes frentes de discussão que inspiraram este guia e ecoam nos diversos conteúdos produzidos e compartilhados em nosso site e redes sociais - desenvolvidos por nossa equipe, parceiros, núcleos e aliados e realizadores em geral da Semana Mundial do Brincar no Brasil e nos países vizinhos que acolheram o movimento.

1

BRINCANTES DE CULTURAS E IDENTIDADES DIFERENTES

A diversidade colocada nas relações entre diferentes culturas e escolhas identitárias. A convivência e a possibilidade de aprendizado com o diferente. Se há muitos modos de brincar em cada cultura, há também a possibilidade de troca, inspiração e convivência. O que um curumim tem a ensinar a um brincante da cidade? O que podemos aprender com as crianças imigrantes? E assim vamos explorando as possibilidades do mundo.

2

UM CORPO SEM LIMITES PARA BRINCAR

A diversidade pela perspectiva das crianças com deficiência. Como possibilitar mais e melhor convivência e brincadeira entre crianças com e sem deficiência? Como estimular práticas de inclusão de crianças que não podem ver, ouvir ou que têm deficiências motoras, físicas ou neurológicas? Como brincar junto?

3

BRINCADEIRAS COMO EXERCÍCIO PARA A VIDA SOCIAL

Crenças, religiões e valores espirituais fazem parte de uma sociedade diversa e democrática. Como podemos trabalhar, pelo brincar, o acolhimento dessa diversidade de referências que as crianças trazem para sua vida social? Qual é a importância disso?

4

BRINCANDO SE CONSTRÓI A CULTURA DE PAZ

Em tempos de intolerâncias, como o brincar junto pode contribuir para a cultura de paz, considerando-o como experimentação da diversidade e da oportunidade de abraçar as diferenças?

5

REPERTÓRIOS DIVERSOS DO BRINCAR

A diversidade faz parte da constituição da sociedade e, portanto, também deve se refletir nas possibilidades de brincar que o adulto oferece para a criança. Inventar, criar e modificar brincadeiras é um processo necessário e rico para infância.

6

QUANDO A DIFERENÇA NÃO É RESPEITADA

O avesso da cultura de paz e da convivência está na violência. Como o *bullying* está relacionado à intolerância e quais as dificuldades que ele traz para a infância.

PAÍSES VIZINHOS DO BRASIL TAMBÉM ABRAÇAM O TEMA DA DIVERSIDADE NA SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR 2019

Em 2018, além da participação massiva do Brasil, uma novidade da edição foi a realização da Semana Mundial de Jugar (SMJ) em países da América Latina. Para isso, a Aliança pela Infância contou com o apoio e a articulação de Terre des hommes Alemanha (organização de cooperação internacional alemã da qual a Aliança pela Infância é parceira). Nove países registraram atividades que defendem o brincar como um dos direitos primordiais da infância: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, El Salvador, Guatemala, México, Nicarágua e Peru!

Neste ano, muitas organizações dos países vizinhos do Brasil também aderiram ao movimento. Conversamos com a Red CEC, do Chile, para entender como o tema desta edição se integra aos valores e às práticas da organização.

O projeto **“Brincando para o Bem Viver na cidade”**, da Rede Centros de Educação Comunitária (Red CEC), tem como base o brincar como atividade intrínseca das crianças, essencial para o seu desenvolvimento, potencializador do crescimento humano e, portanto, um direito fundamental. A iniciativa reúne 12 Centros de Educação Comunitária da região metropolitana de Santiago, no Chile, que trabalham com as crianças e as suas famílias em bairros de grande vulnerabilidade social.

Aliança pela Infância - Como o tema “Brincar abraça a diversidade” está relacionado às atividades e aos propósitos da organização?

Red CEC - Desenvolvemos o projeto “Brincando para o Bem Viver na cidade” considerando as diferenças como uma oportunidade que valoriza a diversidade no mundo da brincadeira e o brincar com toda sua riqueza. No projeto, todas as diferenças são acolhidas pela brincadeira. É assim que integram-se os bebês e as crianças com seus pais, tios, avós e educadores de famílias do Chile e também do Peru, da Colômbia, da Venezuela e do Haiti. Todos em espaços onde não distinguem-se a raça, as crenças, as idades nem as origens. Quando você e eu brincamos prevalece o prazer de curtir desde a alma e sem discriminação.

Aliança pela Infância - Considerando então o brincar esse lugar da convivência e da liberdade, por que essa experiência é tão importante para o público do projeto?

Red CEC - Nestes tempos tão complexos, onde ter é mais importante que ser, estão presentes a desconfiança e a insegurança, onde se lucra e converte tudo em negócio, mesmo o brincar. As crianças precisam pagar para se divertir. É justamente essa uma das barreiras que o nosso projeto quebra. Nosso foco é enxergar o brincar como uma atividade de liberdade, quebrar a estrutura cultural que impõe o sistema, porque quando nós olhamos, rimos, mantemos o contato, somos parceiros e estamos felizes. Isso modifica nossas atitudes, nossa corporeidade, ficamos ligados à essência da vida.

A percepção das experiências compartilhadas por aqueles que participam do projeto, os beneficiários, é sobre o acesso para vivenciar um direito fundamental e essencial. O projeto oferece a fruição do direito de brincar em belos espaços, em atividades para brincar com dignidade.

Aliança pela Infância - As diferentes crenças religiosas e espirituais e as diferenças culturais contribuem para o aprendizado da NNAJ? Como a convivência destes conhecimentos diversos impacta a construção de uma cultura de paz?

Red CEC - A organização estrutura-se seguindo uma cultura de autoconstrução e construção política-comunitária. Está centrada nas contribuições que as comunidades fazem a partir do olhar do bem viver, no caminho da participação permanente que se produz a cada dia.

Temos um caráter aberto. Todas as pessoas, sem importar suas crenças e a partir de seu próprio olhar, têm a possibilidade de usufruir. O brincar é uma atividade-chave para curtir a vida e pode ser compartilhado com alegria, espontaneidade e paz.

Cada cultura tem suas crenças e visões religiosas que emolduram a vida das pessoas. E quando é oferecido um ambiente de confiança e afeto que acolhe cada pessoa como ela é, o aprendizado vai surgir espontaneamente, sem barreiras externas. As pessoas que participam dos projetos da organização enxergam neles uma oportunidade de vida digna e agradável.

Participaram da entrevista as coordenadoras do projeto “Jugando para un buen viver en la ciudad”, Pamela Higuera Navea, diretora do Centro de Educação Comunitária El despertar; e Hilda Ormazábal Gallardo, diretora do Centro de Educação Comunitária Belén el Cobre. A Red CEC é parceira de tdhA no Chile.

DIVERSIDADE E INFÂNCIAS

RENATA MEIRELLES

“É diferente, mas é igual”
ou “eu também sei, só que de outro jeito!”,

dizem meninos e meninas ao assistirem aos vídeos do Projeto Território do Brincar, sobre brincadeiras de crianças pelo Brasil. Gritam como se sentissem parte do coletivo das crianças do mundo, onde falam a mesma língua e se conectam em uma imediata empatia. Mesmo quando nunca viram alguma das brincadeiras apresentadas, vibram por reconhecer a intenção das outras crianças e se sentem cúmplices de seus desejos. Nós, adultos, no entanto, muitas vezes, focamos apenas no diferente e paramos no que nos distingue de um grupo e de outro, no específico, no regional e em diferenças entre rural e urbano e classes sociais.

Os olhos das crianças brilham quando encontram semelhanças entre as diferenças. A diversidade apresenta para elas uma unidade que vai além das formas e cores culturais. Saber, por exemplo, que outras crianças também constroem, a seu modo, habitações para insetos, gera sintonia e um alívio de ser igual dentro da diferença. Ver como dançam em manifestações populares, como brincam de casinha, como caçam siris nos mangues, como fabricam barquinhos de isopor, como dão pulos nos barrancos... são gestos reconhecidos por sua intenção e busca de sentido, e seus olhos focam para além da cultura regional, mesmo reconhecendo-a distinta e única. Como se na ação do outro elas se sentissem em casa e completassem um pouco mais de sua plenitude. Como se o outro gerasse mais “eu” em cada uma.

Reconhecer, ter acesso e poder viver a experiência do diverso são ações que conectam as crianças pela força do coletivo. Isso alimenta a infância de pertencimento a imensas possibilidades de ser, mas ao mesmo tempo dentro de temas muito semelhantes aos que elas já vivem. Sabem de alguma forma que nada pode ser tão diferente que não possa compreender sua essência. Imagine então em um país em que o povo, como diz Ariano Suassuna, é uma “unidade de contrastes”, quantas riquíssimas formas existem de se compreender a vida pela sua diversidade.

E quanto desperdício é negligenciar essa força potente do diverso para nossas crianças e, certamente, para nós adultos.

RENATA MEIRELLES

Sempre com o brincar em pauta, já fez curadoria de exposições, escreveu livros, mestrado, co-dirigiu e roteirizou o longa-metragem “Território do Brincar”, além de diversos curtas metragens. É coordenadora do Programa Território do Brincar, uma co-realização com o Instituto Alana, e idealizadora do Projeto Bira - Brincadeiras Infantis da Região Amazônica.

AJUDANDO A CONSTRUIR UMA CULTURA DE PAZ PARA UM BRINCAR SAUDÁVEL

MAEVE VIDA

Como andam o corpo e a mente das crianças? Quais as qualidades que nós, adultos, podemos incentivar em nossas vivências cotidianas com as crianças para um brincar alegre e, ao mesmo tempo, permeado pelo respeito amoroso à diversidade? Como oferecer às crianças a percepção de regras essenciais para um brincar saudável e permeado pela cultura de paz?

Essas são algumas das questões que as famílias e os educadores devem fazer ao promover momentos e espaços que garantam o direito primordial de toda criança: o brincar.

Devemos recordar que a criança vive hoje, na maioria dos casos, em um ambiente desafiador para a infância: excesso de tecnologia e pouca empatia. Cercada por celulares - que estão nas mãos de seus pais ou em suas próprias mãos -, recebendo conteúdos estereotipados, a criança se vê, em muitos casos, alimentada de conteúdos

vazios no cultivo dos valores humanos. Conteúdos esses que reforçam a cultura do medo, da violência e da ansiedade e que se refletem nitidamente em seu brincar.

Dessa forma, para que o brincar seja livre, alegre e construtivo, os cuidadores precisam promover, constantemente, vivências que tragam às crianças a oportunidade de desenvolvimento de suas habilidades socioemocionais, com momentos de reflexão sobre suas atitudes em relação aos amigos e aos adultos, sobre o respeito com os brinquedos e materiais usados nas atividades, incluindo também o cuidado amoroso com os animais e plantas que fazem parte de sua vida.

Grandes educadores como Maria Montessori ressaltavam para os seus alunos: “aqui vocês podem fazer tudo, menos prejudicar a si mesmos, as pessoas com quem convivem e o ambiente da escola”. Era uma maneira de lembrá-los de estar no centro de si mesmos, em uma conexão com seu eu superior, onde mora a verdadeira liberdade e a criatividade no brincar.

Inúmeras são as ferramentas que os adultos podem utilizar para que a criança se volte para esse centro e, nutrida pela auto-estima, auto-controle, paz interior e força de vontade, se coloque no mundo de forma mais consciente. É fundamental para a criança sentir que ela também é co-autora do seu próprio destino, a partir de suas atitudes e palavras. É a partir desse centro que a criança adquire uma forma mais plena de expressão no seu brincar e no seu agir.

Ajudar a criança a mergulhar dentro de si mesma, no silêncio do seu coração, indo além do mar de informação e estímulos eletrônicos em que vivemos, é uma das formas mais profundas de fortalecê-la para ser um agente construtor de uma sociedade mais justa, amorosa e pacífica.

Entre as muitas práticas de construção para uma cultura de paz no brincar encontra-se a sabedoria milenar da ciência da Yoga, que vem sendo cada vez mais utilizada na área da educação como um recurso de apropriação, por parte da criança, de sua própria fonte de paz interior.

No Brasil, há 10 anos, temos uma experiência muito profunda dessa aplicação da ciência da Yoga na Educação, na Escola Arte de Ser, em São Paulo. A escola embasa seu trabalho na metodologia How-To-Live, uma sistematização da ciência da Yoga

para a área da Educação. Esse currículo foi idealizado pelo educador e iogue Paramahansa Yogananda, ao fundar a primeira escola, na Índia, em 1917, a seguir esses princípios.

No Ocidente, a Escola Arte de Ser é a primeira a se utilizar dessa metodologia, que enxerga a criança a partir de quatro pilares: ciência do corpo, engenharia mental, artes sociais e ciência espiritual aplicada. Práticas de hatha yoga, meditação, oficinas de alimentação saudável, vivências na horta e o incentivo a uma convivência harmoniosa fazem parte do planejamento pedagógico da escola para o desenvolvimento do autoconhecimento das crianças e um despertar de uma consciência social mais ampla.

Outras escolas em todo o Brasil estão se apropriando das vivências em hatha yoga e meditação, com excelente resultado tanto no trabalho cognitivo, quanto na capacidade de desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Se conseguirmos apenas ensinar à criança a respirar corretamente – por meio de uma respiração nasal e calma – para que possa usar esse importante recurso para controlar suas emoções, teremos feito mais da metade do trabalho de educação para a paz.

E para poder aprender a respirar, é necessário cultivar a quietude e a beleza do momento presente em sua plenitude, é necessário ser alfabetizado sobre a importância do silêncio, o que poucas escolas ensinam. “Silêncio vale ouro. Silêncio é muito bom. É no silêncio que eu escuto o coração”, diz a canção... Isso pode ser mostrado à criança, por exemplo, com exercícios de respiração permeados pela ludicidade e alegria inocente.

Esse olhar atento do educador e das famílias para a necessidade de momentos de interiorização, que contribuam para o despertar das virtudes, tem sido a base para um brincar livre de preconceitos, feliz e amoroso, permeado pelo respeito à diversidade.

MAEVE VIDA é autora de diversos livros infantis, coordenadora do Programa Omnisciência de Educação para Paz, uma das fundadoras da Escola Arte de Ser, professora de meditação para crianças na Self-Realization Fellowship e membro do Conselho Consultivo da Aliança pela Infância.

BRINCADEIRAS CANTADAS E SINALIZADAS

MIRELA ESTELLES E AMARÍLIS RETO

Desde que iniciamos o projeto Histórias para ver e ouvir, mobilizadas pelo desejo de que surdos e ouvintes participem da experiência direta da arte da narrativa, seguimos pesquisando e experimentando diversas possibilidades de relação e intersecção entre as duas línguas oficiais do Brasil: o português e a libras (língua brasileira de sinais).

Em nossa prática, exploramos as brincadeiras tradicionais da infância vivenciadas nessas duas línguas, ou seja, nas duas culturas. Quando partimos de um repertório originalmente baseado na oralidade, é necessário que façamos transposições de uma língua para outra; adaptando, traduzindo ou transcribindo as brincadeiras para que todos possam brincar juntos. O mesmo acontece de forma inversa. E percebemos que os repertórios somam-se a partir de suas intersecções e possibilitam uma aprendizagem mútua entre as duas dimensões, fazendo com que o potencial de cada uma se evidencie e entrelace surdos e ouvintes numa experimentação do brincar.

Ao iniciarmos uma narração de histórias, oficina ou brincadeiras cantadas e sinalizadas em português e libras, começamos sempre com um jogo de configuração de mãos, dinâmica comum no processo de alfabetização dos surdos em libras. O jogo consiste em acionar o repertório de sinais e apresentar de forma lúdica as características estruturais da língua. Nesta brincadeira a língua de sinais é o próprio brinquedo e todos aprendem e se divertem de formas diferentes.

A brincadeira é o elemento essencial que aproxima surdos e ouvintes, pois transita pelo universo comum entre eles, do lúdico e da imaginação. Na proposta de jogar

versos bilíngues oferecemos elementos como a rima e o ritmo para a visualidade da libras. Além de cantá-los e sinalizá-los, dispomos os versos escritos no centro de uma roda e desafiamos o público a encontrá-los no meio de muitos outros, tendo como pistas os sinais icônicos. Criamos assim, a oportunidade de ouvintes conhecerem um pouco a estrutura gramatical da libras. Essas vivências possibilitam pensarmos sobre a própria língua e a do outro. São percepções que adentram por olhos e ouvidos atentos e curiosos.

É no campo da diversidade cultural que podemos aprender com as suas potências, convidando a todos para uma experiência conjunta. Pois o brincar possibilita compartilharmos uma experiência coletiva, onde respeitamos e consideramos a diversidade. Assim é quando propomos que todos cantem, brinquem e sinalizem a brincadeira do “Bate o monjolo”, por exemplo. São muitas as dificuldades, mas o desafio não intimida, pois o intercâmbio cultural mobiliza a todos. Olho no olho, mão na mão.

Em grupo e na diversidade, no esforço de compor uma unicidade em que a brincadeira é o apogeu, os corpos aprendem juntos. Nessa situação, o respeito, o compartilhamento e o olhar atento potencializam a compreensão da criança sobre o lugar que ocupa. Como estarmos juntos? Como é possível que a brincadeira aconteça e as diferentes formas de brincar-la possam coexistir? Como a brincadeira pode ser orquestrada naquele tempo em que estamos suspensos pelo encantamento?

São muitos os elementos presentes nas brincadeiras e poesias: imaginação, repetições, espera pela sua vez, cantar/sinalizar junto, desafio, participação, organização do seu corpo em relação ao espaço e ao corpo do outro.

Uma trovinha, uma parlenda, uma brincadeira cantada. São textos literários que exprimem uma visão de mundo e do ser humano. O fato de serem tradicionais e não terem uma autoria específica nos dá liberdade na sua apropriação, mas também responsabilidade pelo seu legado cultural. As crianças ao brincarem se apropriam da língua/brinquedo criando e recriando a cultura em que vivem, participam de forma criativa e ativa do que brincam e aprendem.

O arcabouço da cultura da infância nos traz um repertório rico e complexo, a linguagem poética enriquece o imaginário, a criança que brinca faz novas relações inusitadas e cheias de nuances, percebe a delicadeza e sutileza da língua e se diverte

com ela, fazendo da própria língua um jogo, uma língua-brinquedo, própria de quem tem intimidade com ela.

Com o tema “O brincar que abraça a diferença”, a Semana Mundial do Brincar de 2019 é um convite para mais uma reflexão sobre nossa prática, na qual a brincadeira é território de convívio entre as diferenças e a aprendizagem mútua por meio das interações de forma lúdica.

O que temos em comum em qualquer cultura da infância é o brincar. E as crianças se desenvolvem brincando em qualquer cultura. Vamos todos juntos abraçar as diferenças e cair na brincadeira!

MIRELA ESTELLES é educadora e contadora de histórias, formada em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC-SP. Idealizadora e realizadora da Semana da Cultura Tradicional da Infância e das Narrações Simultâneas, em português e libras, e das Histórias para Ver e Ouvir.

AMARILIS RETO é professora de surdos e contadora de histórias graduada em Pedagogia pela FMU e Arte pela Belas Artes de São Paulo. Desde 2001 atua como professora no Centro de Educação para surdos Rio Branco e integra o projeto Histórias para ver e ouvir.



O BRINCAR COMO ATIVIDADE DE VALORIZAÇÃO DA PLURALIDADE HUMANA

RENATA APARECIDA FELINTO DOS SANTOS

Plantei uma cebola no meu quintal
Nasceu uma negrinha de avental
Dança, negrinha!
Eu não sei dançar
Eu pego no chicote, você dança já!

Esse trecho de uma música infantil de domínio popular é apenas um exemplo que serve de aquecimento e sensibilização para adentrarmos no assunto desse breve texto que apresenta as brincadeiras infantis e o ato de brincar ao racismo que estrutura a cultura e a sociedade brasileira.

Para escrever sobre esse tema pouco discutido por profissionais da educação, fui até as memórias da minha pessoa menina que são extremamente marcadas na minha pessoa mulher. Algumas situações são tão nítidas como se tivessem ocorrido na semana anterior.

Chega o peito encher de ar e o coração saltar. Chega a vista a brilhar recordando das amiguinhas e amiguinhos de quando eu tinha meus seis, sete, oito anos de idade. Um dia durava muito tempo, em poucas horas cabiam inúmeros jogos, corridas, conversas e risadas nos momentos nos quais brincava no jardim de minha avó materna, na rua ao lado de sua casa, no pátio do prédio onde cresci com uma criançada interminável, filhas e filhos de trabalhadores e trabalhadoras da periferia de São Paulo. Sim, de fato, a infância é um período que pode ser mágico. Pode ser... Existe a possibilidade, que nem sempre é a realidade. A infância e o brincar podem ser cruéis também.

Precisamos acionar alguns pontos fundamentais, aos quais não se dá a relevância devida no que se refere à infância, ao relacionamento entre crianças e às brincadeiras. Tratar essa prática e período de forma romantizada a ponto do ideal se tornar uma regra é apagar as memórias de nossas próprias infâncias. Para muitas pessoas essa fase da vida tem o seu lado nem tão doce, mágico e encantado assim. As crianças vivem seus próprios dilemas relacionados ao seu ser, que está se descobrindo e, concomitantemente, descobrindo o mundo com as participações de outras crianças e de adultos.

No caso das crianças negras, somam-se às fases da infância comum a todas as crianças o fato de terem de lidar com as questões étnico-raciais, muitas vezes, absolutamente sozinhas, de forma que a elas se apresentam a perversidade e a crueldade do racismo entranhado na sociedade brasileira.

Algumas situações são banalizadas por educadoras e educadores e ocorrem com mais frequência do que imaginamos nos espaços do brincar. Podemos mencionar três momentos de manifestação do preconceito racial entre crianças e como temos, como sociedade, naturalizado esses conflitos que podem ser traumáticos. Ressaltamos que nessas situações as crianças não possuem maturidade para solucionar os conflitos sozinhas, e, comumente, os mesmos são interpretadas por pessoas adultas como “coisas de crianças”.

O primeiro exemplo é o que revive o conto de fadas no qual as meninas negras não são nunca as princesas, obviamente porque as referências de histórias infantis propagadas nos espaços de educação ainda se voltam ao referencial europeu que destaca, evidentemente, um padrão de humanidade que é próprio desse lugar: meninas brancas e loiras.

Também destacamos as brincadeiras cooperativas ou competitivas nas quais são montados times ou grupos, nos quais as crianças escolhem as que comporão suas equipes. Nesse caso, as crianças negras são habitualmente as últimas a serem escolhidas.

Por fim, os momentos nos quais deliberadamente crianças não negras recusam-se a brincar com crianças negras e expressam, para tanto, que essa negação se concentra nas questões fenotípicas, isso quer dizer, na aparência da criança negra.

Todas essas situações ocorrem nos lugares de educação formal, não formal e informal, ou seja, nas instituições regulares de ensino, nos espaços como museus, centros comunitários, institutos culturais, dentre outros, e também nas casas das crianças. Nessas situações as crianças negras são absolutamente invisibilizadas e silenciadas quando manifestam seus sentimentos às pessoas adultas responsáveis por conduzir o processo de educação. O racismo sofrido por pessoas negras desde a infância tem sido tratado como uma mera reclamação. Mas, em verdade, ele é estruturante de nossa sociedade e se apresenta cotidianamente, corriqueiramente. Talvez seja por estar tão presente que seja oneroso identificar e realizar a recondução de crianças que o praticam, assim como das que são por ele afetadas durante uma brincadeira.

Para todos esses momentos nos quais crianças expressam, de maneira explícita ou implícita, que o marcador da cor, raça ou etnia é um impeditivo para que se desenvolvam juntas a partir da prática do brincar, é fundamental que exista a mediação e interdição de uma pessoa adulta para sanar o conflito.

Esse momento mais assertivo faz parte do processo educacional, visto que a brincadeira é um jogo simbólico que nos antecipa o que viveremos nos demais momentos da vida para além da infância. É nessa fase da existência humana, então, que devemos introduzir às crianças conceitos que devem se converter em práticas, como a pluralidade ou diversidade humana, a empatia, a alteridade, o altruísmo e a colaboração.

Quando tratamos de diversidade neste texto focamos as questões étnico-raciais, entretanto, este é um conceito mais profundo que abarca as questões de cognição, mobilidade, sexualidade, dentre outras. Tratar de empatia significa exercitar na criança a capacidade de colocar-se no lugar de uma criança cuja aparência e realidade divergem das suas. Como alteridade, que complementa a empatia, é possível trabalhar o fato de que uma criança só existe porque há uma inter-relação, uma interação entre ela e as outras. Como altruísmo podemos demonstrar à criança que a sua humanidade se desenvolve na medida em que ela se torna capaz de preocupar-se com outras crianças na perspectiva do auxílio espontâneo e, portanto, também da colaboração, do contribuir, do construir coletivamente.

A brincadeira saudável é humanizadora e instrumento de (trans)formação numa sociedade como a brasileira, na qual observamos crescentes manifestações contrárias aos direitos e conquistas das minorias políticas sancionadas em políticas públicas

nos últimos quinze anos. Dentre elas destacamos a lei 11.645/08, antiga 10.645/03, que obriga o ensino de história e cultura dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiro nas escolas como assuntos que atravessam o currículo e que envolvem diversas disciplinas.

A brincadeira que abarca a diferença de forma positiva é fundamental para a formação de pessoas cidadãs que possuem sentimento de respeito por quem é diferente de si em qualquer aspecto. Nesse sentido, é preciso envolver as pessoas adultas, as que são responsáveis pelas crianças dentro das famílias, nas escolas e em todos os demais espaços frequentados por elas. Sabemos que as crianças apreendem o mundo que a circunda, incluindo as relações humanas também a partir dos comportamentos observados, dos gestos, do tom da voz.

Como pessoas adultas conscientes das transformações que são imprescindíveis para vivermos numa sociedade o mais harmoniosa possível, devemos proporcionar oportunidades para que crianças conheçam outros entendimentos de vida, de culturas e de povos. Dessa forma, atitudes que surgem do impulso e desejo por um mundo com mais equidade dependem de nós. Isso significa, entre outras coisas, pesquisar brincadeiras de origem africana; ou contar histórias infantis de culturas asiáticas, ameríndias e africanas; ou mesmo corrigir e reeducar as crianças que realizarem todos os tipos de ofensas incluindo as raciais de forma lúdica - sem usar do castigo ou constrangimento.

As brincadeiras devem proporcionar prazer e aprendizagem, entretanto, nesse brincar não deve haver dor, desconforto, humilhação e/ou exposição. Brincar é desenvolver sentidos, coordenação motora, conhecimento dos limites do corpo, trocar aprendizagens, compartilhar alegria, doar sorrisos, criar e fortalecer afetos. O brincar como atividade da infância e de caráter educativo e formativo deve ter sim a observação afável de pessoas adultas conscientes de práticas e tratamentos que são inaceitáveis, seja como “brincadeira” seja como “coisa de criança”. Coisa de criança é aproveitar esse período que não volta mais, aprendendo que ser diferente é a parte mais bonita da nossa vasta diversidade humana.

RENATA APARECIDA FELINTO DOS SANTOS é mulher negra, mãe sozinha de Benedita Nzinga de quatro anos e de Francisco Madiba de cinco anos. Artista visual, pesquisadora e professora-adjunta de Teoria da Arte na Universidade Regional do Cariri/CE. É doutora e mestra em artes visuais pela UNESP e especialista em Curadoria e Educação e em Museus de Arte pelo MAC/USP.

UM CORPO SEM LIMITES PARA BRINCAR

MARIA ANTÔNIA GOULART

A Semana Mundial do Brincar propõe este ano o tema “O brincar que abraça a diferença”. O brincar é talvez a ação mais inclusiva que eu conheço. As crianças conhecem a si mesmas, o outro e o mundo a partir do brincar. Daí sua importância para o desenvolvimento de cada um e de todos.

Diante de uma pessoa nova, o primeiro movimento, o mais instintivo de uma criança será sempre o do brincar. Pode ser olhando o outro, se escondendo e reaparecendo. Pode ser mostrando ou jogando um brinquedo. Pode ser solicitando ajuda para subir em algum lugar. É por meio do brincar que nos conhecemos e nos reconhecemos como humanos. Mas, apesar dessa naturalidade com que reconhecemos o brincar como parte da infância, diante de uma criança com deficiência, crianças e adultos de forma recorrente fazem uma pergunta: “Ela sabe brincar?”.

A verdade é que diante da criança com deficiência ou de qualquer outro que não provoque imediata identificação, o foco está sempre na negativa, em procurar nela aquilo que ela não é, não pode ou não sabe. As pessoas não perguntam como uma criança cega percebe o mundo e sim se é verdade que ela não enxerga. Também não perguntam como se comunicar com uma criança surda e sim se ela realmente não ouve. Não pensam em formas de adaptar as brincadeiras para que uma criança cadeirante possa participar e sim lamentam por ela não poder subir no brinquedo e quase sempre duvidam da capacidade de uma criança com deficiência intelectual aprender uma brincadeira.

O corpo de cada criança apresentará potencialidades e limites. Nunca haverá uma criança que terá as melhores habilidades para fazer tudo. Por que então esperar que uma criança com deficiência seja capaz de fazer o mesmo que outras crianças cujos corpos funcionam de forma diferente fazem? Por que olhar para o que elas não fazem ao invés de explorar aquilo que elas sabem?

Crianças, com e sem deficiência, brincam. Sozinhas, em duplas, em pequenos grupos e em grupos maiores. Sempre de forma diferente. Sempre respeitando seus tempos, seus corpos e seus desejos. Nesse sentido, os limites são impostos pelas barreiras físicas e atitudinais muito mais do que pela configuração individual de cada um. Se uma brincadeira for no escuro ou com olhos vendados, passa a ser indiferente quem enxerga ou não. Se estivermos diante de um jogo de tabuleiro, a mobilidade reduzida perde a relevância. E se estivermos diante de uma atividade mais colaborativa e menos competitiva, temos a oportunidade de aprender uns com os outros o que de mais importante precisamos na vida - empatia, respeito, solidariedade e companheirismo. Porque, no fim de tudo, o que o brincar faz é nos despertar para conhecer nosso corpo, nossos sentidos, nossos desejos, nossas dificuldades. O brincar nos ajuda a estabelecer relações e conexões entre saberes, espaços e pessoas.

Recentemente comecei uma coleção de jogos de tabuleiro cooperativos onde ou ganham todos ou perde todo mundo. Ao apresentar o desafio para diferentes grupos de crianças, me impressionei com a dificuldade que algumas delas têm em depender do outro para alcançar o seu resultado. Essa ideia de que somos parceiros na construção de uma sociedade, de um mundo onde vivemos juntos, tem perdido cada vez mais espaço para uma lógica individualista e meritocrática.

O desafio de enxergar no outro alguém com quem faço algo é um movimento contra-majoritário. Mas é o único movimento que pode nos salvar como sociedade. Nossos maiores problemas sociais, ambientais, culturais, econômicos somente podem ser resolvidos se pensarmos de forma cooperativa. Não há solução individual. Somos uma sociedade interdependente. O melhor descarte de resíduo não é o da casa ou empresa que tem a melhor coleta, e sim dos que pensam de forma sustentável no reaproveitamento e no reuso dos resíduos. Fazemos parte do mesmo planeta, onde vivemos todos juntos. Não há um outro lugar onde as crianças com deficiência ou que não se encaixam na minha referência de igual possam ir. A segregação do diferente em casa ou em instituições especializadas além de uma crueldade e uma negação dos direitos das pessoas com deficiência é uma perda de oportunidade de conviver com quem desenvolve soluções diferentes das minhas para estar no mundo.

Fico lembrando do Brian, aluno com surdez que estuda em uma escola pública do Rio de Janeiro com quem tenho a alegria de conviver. Na oficina de eletrônica, Brian se mostrou um grande aprendiz. Antes mesmo que eu pudesse terminar de experimentar os conceitos básicos com o grupo ele já começou a produzir engenhocas com seringas, motores, fios e barbantes. Uma das crianças se encantou com um desses objetos e me pediu para ensiná-lo a fazer. Olhei com atenção e respondi que não sabia fazer aquilo, mas que ela podia perguntar ao Brian como tinha feito e que ele poderia lhe mostrar. Ao ouvirem minha proposição o grupo de crianças ficou atônito. O Brian? - perguntaram. E logo em seguida se dirigiram a ele e juntos começaram a fazer suas engenhocas. Esse foi precisamente o momento em que o Brian deixou de ser olhado a partir do que ele não fazia para aquilo que ele sabia fazer. E foi mágico ver o quanto as crianças são capazes de aprender quando brincam juntas!

MARIA ANTÔNIA GOULART

Bacharel em Direito pela UNB. Possui experiência na gestão pública como secretária municipal de Nova Iguaçu/RJ, responsável pela concepção e implementação do programa intersetorial de educação integral Bairro-Escola no período de 2005 a 2010. Consultora do Unicef para a Iniciativa Global do Livro Digital Acessível. Co-fundadora do Movimento Down e do Elaborando, laboratório maker responsável pela produção de recursos e estratégias educativas em desenho universal e formação de educadores para a educação integral inclusiva e sustentável.



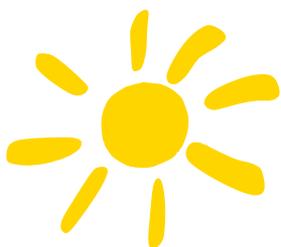
Apoio:

 **terre des hommes**
Apoio à Infância



Terre des Hommes
International Federation

INSTITUTO  **MAHLE**



Aliança pela
Infância

www.aliancapelainfancia.org.br

Contato: smb@aliancapelainfancia.org.br

